



ARTES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS FORMATIVAS PARA ALÉM DO ENSINO TRADICIONAL

CIRCUS ARTS IN EDUCATION: TRAINING PRACTICES BEYOND TRADITIONAL TEACHING

Nicolly Gonçalves Ribeiro¹

Faculdade SESI de Educação

Levi Corrêa Lopes²

Faculdade SESI de Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

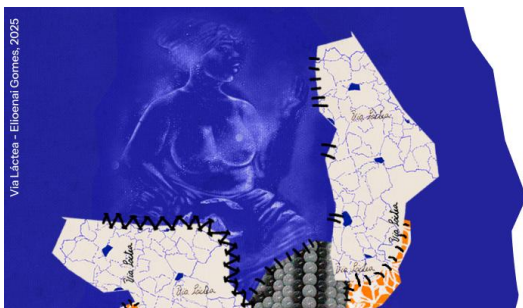
Resumo: Este artigo investiga o potencial das artes circenses como linguagem educativa capaz de contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes, ampliando as possibilidades formativas para além das práticas escolares tradicionais, ainda marcadas por abordagens conteudistas e transmissoras. As práticas circenses oferecem uma alternativa pedagógica que integra dimensões cognitivas, sensoriais e motoras, promovendo a autonomia, o pensamento crítico e o senso de pertencimento dos participantes. A pesquisa fundamenta-se em registros reflexivos e observações pedagógicas realizadas pelos proponentes do projeto de extensão Circo em Ação, articulando-se com os pressupostos da pedagogia crítica de Paulo Freire (1987), que valoriza a formação de sujeitos críticos e ativos, e com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), que defende a articulação entre apreciação, contextualização e criação artística. Apoiar-se ainda nos estudos de Marco Antonio Coelho Bortoleto (2016), que reconhece o ensino do circo como prática formativa integradora. A metodologia adotada é a Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol), que permite analisar o processo formativo dos alunos de forma coletiva e reflexiva. O projeto, realizado com crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos, propõe um espaço educativo e lúdico, no qual os estudantes exploram suas potencialidades por meio da prática circense, desenvolvendo habilidades motoras, sociais e cognitivas. Os resultados apontam que o ensino de circo favorece aprendizagens significativas, amplia a participação ativa dos alunos e reforça a importância de uma abordagem educativa comprometida com a formação integral e a transformação social.

Palavras-chave: artes circenses; educação integral; ensino formativo; pedagogia crítica; projeto de extensão.

Abstract: This article investigates the potential of circus arts as an educational language capable of contributing to the integral development of students, expanding formative possibilities beyond traditional school practices still marked by content-centered and

¹ Graduanda em Linguagens pela Faculdade SESI de Educação. Participante dos projetos de extensão “Circo em Ação” e “Palco Resistência” coordenado pelo professor mestre Levi Corrêa Lopes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5843454015925438>.

² Doutorando, mestre e bolsista CAPES em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, especialista em Psicopedagogia Educacional pela FMU e graduado em Licenciatura em Teatro pelo IFCE. Professor-pesquisador da Faculdade SESI de Educação, responsável pelas unidades curriculares referente as artes no curso de Licenciatura em Linguagens. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2638983864962206> ORCID: 0009-0002-0866-5755.



transmissive approaches. Circus practices offer a pedagogical alternative that integrates cognitive, sensory, and motor dimensions, promoting autonomy, critical thinking, and a sense of belonging among participants. The research is based on reflective records and pedagogical observations by the proponents of the Circo em Ação extension project, drawing on the critical pedagogy of Paulo Freire (1987), which emphasizes the formation of critical and active subjects, and on Ana Mae Barbosa's (2010) Triangular Approach, which defends the articulation of appreciation, contextualization, and artistic creation. The study also relies on Marco Antonio Coelho Bortoleto's (2016) understanding of circus education as a formative and integrative practice. The methodology employed is the Critical Collaborative Research (PCCol), allowing for a collective and reflective analysis of the students' formative process. The project, aimed at children and adolescents aged 10 to 15, creates an educational and playful space where students explore their potential through circus practices, developing motor, social, and cognitive skills. The results indicate that circus education fosters meaningful learning, enhances student engagement, and underscores the importance of an educational approach committed to integral development and social transformation.

Keywords: circus arts; integral education; formative teaching; critical pedagogy; extension project.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar como as artes circenses podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica emancipadora, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes. Ao mobilizarem autonomia, criticidade e colaboração, essas práticas configuram-se como uma alternativa engajadora às abordagens escolares ainda marcadas por um ensino conteudista e disciplinador, oferecendo experiências que integram dimensões cognitivas, sensoriais e motoras, e promovem a construção de um sentimento de pertencimento coletivo.

As pesquisas sobre artes circenses no campo educacional ainda são incipientes, apesar de reconhecerem seu potencial formativo. Autores como Erminia Silva (2016) e Marco Antonio Coelho Bortoleto (2016) apontam que o ensino do circo, embora venha se institucionalizando em escolas e projetos sociais, carece de propostas pedagógicas consistentes. Estudos recentes (FALCADE; BORTOLETO, 2024; RODRIGUES, 2018) também evidenciam obstáculos estruturais e simbólicos – como a ausência de formação docente, falta de recursos e o estigma histórico de desvalorização – que limitam sua presença no currículo escolar.



Portanto, este trabalho preenche essa lacuna ao defender que a arte circense é uma prática formativa que amplia o aprendizado dos alunos, favorecendo aprendizagens que envolvem autonomia e criticidade, ao mesmo tempo em que estimulam a colaboração e a integração de diferentes dimensões do conhecimento (FREIRE, 1987; BARBOSA, 2010; BORTOLETO, 2016).

Essa pesquisa nasce da experiência da autora, professora em formação, envolvida na idealização e condução do projeto de extensão, junto ao coautor, orientador do projeto, que se iniciou em 2025 na zona Oeste de São Paulo. Oferecido gratuitamente a estudantes da educação básica (10 a 15 anos), o curso supre lacunas do ensino formal de Arte ao promover vivências que estimulam autonomia, autoconfiança e socialização por meio das artes circenses. Assim, o presente artigo busca investigar as aprendizagens e efeitos observados durante esse processo, compreendendo o circo como linguagem formativa e crítica.

O estudo se ancora na Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) (MAGALHÃES, 2011) como metodologia, priorizando a análise e interpretação do processo formativo em sua dimensão coletiva e reflexiva. Além disso, utiliza a observação direta dos proponentes sobre o desenvolvimento dos alunos do projeto Circo em Ação, favorecendo a compreensão das aprendizagens e transformações vividas ao longo das aulas.

O artigo fundamenta-se em Paulo Freire (1987), que defende uma educação crítica e participativa, e na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010), que articula leitura, contextualização e fazer. No circo, isso significa apreciar suas manifestações, compreender sua historicidade marcada pela marginalização e potência criativa, e vivenciar suas práticas, ampliando o aprendizado para além da técnica com foco em criticidade, criatividade e relação com a realidade social.

O trabalho também se ancora nas contribuições de Bortoleto (2016) referência no campo da educação circense. Ele contribui ao destacar que, embora o circo venha sendo incorporado em espaços extracurriculares, ainda carece de propostas pedagógicas. Bortoleto o entende como linguagem cultural que mobiliza corpo, mente e afetos, integrando diferentes dimensões da formação e reforçando seu potencial educativo.



Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, é feita uma contextualização e fundamentação teórica sobre o ensino das artes circenses, situando sua relevância no campo da educação. O segundo capítulo descreve e analisa o projeto Circo em Ação, destacando suas principais atividades e metodologias. Em seguida, o terceiro capítulo propõe uma reflexão crítica sobre os impactos pedagógicos observados nos estudantes, com base na experiência vivenciada.

2 O ENSINO DAS ARTES CIRCENSES E OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA SUA INSERÇÃO NA ESCOLA

As artes circenses possuem uma trajetória histórica rica e multifacetada, cuja origem remonta a práticas milenares de habilidades corporais e espetáculos populares. No entanto, foi especialmente a partir do final do século XVIII que o circo moderno começou a se configurar como uma linguagem artística estruturada, evoluindo de forma contínua ao longo dos séculos. Nas últimas décadas do século XX, evidencia-se uma nova fase dessa tradição: a criação das escolas de circo e a consequente institucionalização do ensino circense (SILVA, 2016).

No Brasil, o desenvolvimento das artes circenses foi marcado inicialmente pela presença de trupes estrangeiras e, posteriormente, pela consolidação de práticas locais que incorporaram elementos da cultura nacional. Os membros da Comissão Avaliadora do Inacen relatam que, com o tempo, surgiram propostas pedagógicas inovadoras, como a criação de cursos profissionalizantes voltados para crianças e jovens, nos quais o processo formativo era pensado de forma integrada. Esse modelo educativo teve como fundamentos a compreensão da criança como um ser integral e a valorização de aspectos como a solidariedade, o respeito mútuo e a capacidade de superação pessoal (SILVA, 2016).

Essas experiências pedagógicas deram origem ao que hoje se denomina amplamente como circo social – um conjunto de ações que utiliza a linguagem circense como ferramenta de inclusão e transformação social. Nessas práticas, o circo é entendido não apenas como espetáculo, mas como um espaço de encontro de



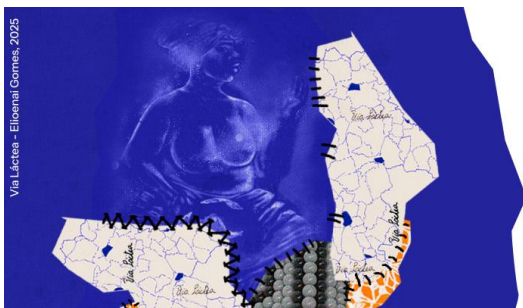
saberes, que valoriza a experiência de vida dos educandos e reconhece o potencial educativo de suas múltiplas dimensões (SILVA, 2016, p. 16).

Contudo, mesmo com o crescimento dessas iniciativas, a produção teórica e pedagógica no campo do ensino circense ainda é considerada incipiente. Durante muito tempo, os saberes relacionados ao circo foram transmitidos sem registro sistemático, especialmente no que diz respeito às metodologias de ensino (BORTOLETO; SILVA, 2016). Ainda assim, a prática circense mantém-se como um campo em constante reinvenção, onde a pedagogia surge de forma orgânica a partir da vivência e da troca entre os praticantes. Como afirma Erminia Silva (2016), "uma arte para sobreviver necessita fazer escola" – e, nesse sentido, o circo permanece como uma escola permanente de saberes, marcada por seu caráter rizomático, múltiplo e polifônico.

Dentro da educação formal, as artes circenses têm conquistado um espaço ainda tímido, mas significativo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece as manifestações circenses como parte das chamadas formas estéticas híbridas, ao lado de outras linguagens contemporâneas como o cinema e a performance. No componente Arte, especialmente no Ensino Fundamental, o documento defende a ampliação das experiências estéticas e culturais dos alunos, valorizando linguagens artísticas múltiplas e integradas (BRASIL, 2017).

Apesar desse reconhecimento, os desafios para a inserção das artes circenses na educação básica são diversos. Entre os principais, destacam-se a ausência nos currículos oficiais, a falta de formação docente específica, a escassez de materiais pedagógicos, bem como dificuldades estruturais, como a carência de espaços adequados e as preocupações com os riscos físicos inerentes à prática circense (FALCADE; BORTOLETO, 2024; RODRIGUES, 2018). Soma-se a isso a ainda limitada produção acadêmica que sistematize experiências pedagógicas com o circo, o que dificulta sua legitimação como linguagem artística escolar.

Além dos obstáculos práticos, há também barreiras simbólicas. As artes circenses, embora presentes em registros milenares da humanidade, “por muitas vezes são desvalorizadas nos currículos escolares, apesar de serem grandes aliadas da formação integral da criança” (BOULHOSA; MENDES, 2024, p. 48). Esse olhar



reduzido contribui para a marginalização dessa linguagem artística no contexto escolar e perpetua estereótipos que a associam exclusivamente ao entretenimento popular. Adicionalmente, a imagem histórica do artista circense como nômade e a precariedade estrutural que por vezes marca a atividade circense contribuem para que o circo seja visto como instável e não compatível com a formalidade da escola (RODRIGUES, 2018).

Dessa forma, compreender a trajetória histórica das artes circenses, sua inserção no Brasil e o papel que hoje desempenham na sociedade é também reconhecer seus desafios e potencialidades no campo da educação. O circo, enquanto linguagem artística, carrega em si um poder transformador: rompe com hierarquias tradicionais do saber, promove a inclusão e valoriza os múltiplos modos de ser e aprender.

3 O PROCESSO FORMATIVO DO PROJETO CIRCO EM AÇÃO

O projeto de extensão Circo em Ação, desenvolvido na Zona Oeste de São Paulo, nasceu da necessidade de proporcionar aos estudantes da educação básica experiências artísticas e lúdicas que fossem, ao mesmo tempo, críticas e formativas. Com base nas práticas circenses, o projeto busca promover o desenvolvimento integral dos participantes, estimulando suas capacidades cognitivas, sensoriais e motoras, bem como a socialização, a autonomia e o pensamento reflexivo.

Iniciado no primeiro semestre de 2025, o curso é ofertado gratuitamente a estudantes de 10 a 15 anos. Na primeira turma, participaram nove alunos, sendo oito meninas e apenas um menino. A composição majoritariamente feminina influenciou as dinâmicas de socialização, sobretudo para o único aluno do sexo masculino, que inicialmente se sentiu deslocado. Essa observação revelou a importância de considerar as questões de gênero no ambiente educativo, reforçando o compromisso do projeto com um espaço acolhedor e inclusivo.

Cada estudante ingressou no projeto com diferentes níveis de desenvoltura corporal – como flexibilidade, agilidade e coordenação motora – e a maioria teve, ali, seu primeiro contato com as artes circenses. Ainda assim, todas e todos iniciaram a



jornada a partir de um ponto de partida comum, construindo coletivamente o conhecimento e a vivência artística ao longo das aulas.

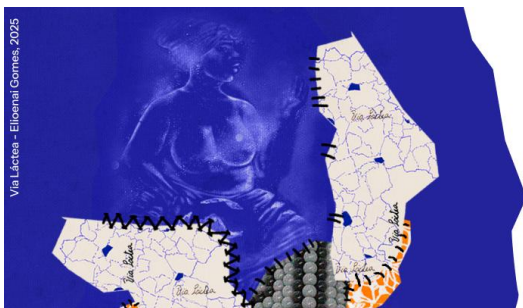
As práticas propostas abrangem desde acrobacias de solo e confecção de materiais até a manipulação de aparelhos como malabares, pratos de equilíbrio, perna de pau, swing poi e bambolês. Durante essas atividades, os proponentes atuam como mediadores do processo de aprendizagem, propondo desafios, provocando reflexões e acompanhando o progresso de cada aluno. Em vez de transmitir conhecimentos prontos, a proposta pedagógica aposta na construção ativa do saber, valorizando a experimentação, o erro e o processo como elementos fundamentais para o aprendizado.

As aulas criam um ambiente seguro para a expressão corporal, a superação de medos e inseguranças e a valorização das conquistas individuais e coletivas. Essas experiências ultrapassam o espaço da sala de aula: os aprendizados reverberam nos contextos sociais dos alunos, refletindo-se na autoestima, na autonomia, na tomada de decisões e nas relações interpessoais.

Ao longo de todo o percurso, a aprendizagem coletiva é tratada como central. A interação entre os estudantes favorece a troca de saberes, o senso de pertencimento e a construção de um conhecimento colaborativo. Essa dinâmica se alinha à concepção de ensino-aprendizagem de Vygotsky (2007), especialmente ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), segundo o qual o estudante, com o apoio de colegas ou mediadores, pode alcançar níveis de desenvolvimento que ainda não conseguiria atingir de forma autônoma.

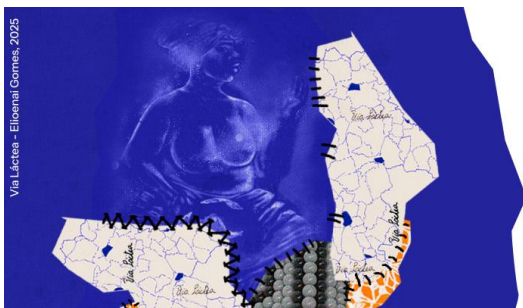
Essa abordagem dialoga também com os princípios da Pesquisa Crítica de Colaboração (MAGALHÃES, 2011), que fundamenta as dinâmicas coletivas do projeto. As estratégias adotadas incentivam a participação ativa de todos, valorizam o diálogo e fortalecem a construção coletiva do conhecimento, consolidando o projeto como uma prática formativa crítica e transformadora.

4 O CIRCO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA



O desenvolvimento dos alunos do curso Circo em Ação revela-se para além da mera reprodução tecnicista das práticas circenses. Cada estudante pôde exercitar sua autonomia por meio da criação individual e coletiva de números artísticos, utilizando os conhecimentos prévios adquiridos ao longo do semestre. Esse processo resultou num exercício que equivalia a uma apresentação das práticas aprendidas, em que os alunos tiveram a liberdade de escolher dois aparelhos para compor seus números, montando-os de forma independente ou articulando-os em uma única performance. Tal exercício de autoria e invenção ampliou o caráter crítico e reflexivo do fazer artístico, em consonância com Barbosa (2010), que defende o ensino da arte como articulação entre o fazer, o ler e a contextualização, promovendo autonomia e compreensão estética. Esse exercício criativo, contudo, não se restringiu à produção artística em si, mas revelou também um modo alternativo de conceber o processo educativo.

No contexto escolar, cada aluno pode ser transformado por experiências pedagógicas que rompem com o modelo tradicional de educação, marcado pela verticalidade e pela transmissão unilateral do conhecimento. Como afirma Freire (1987, p. 33), “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Em oposição a esse paradigma bancário, as práticas circenses mostraram-se como um terreno fértil para que os estudantes se reconhecessem como sujeitos ativos, capazes de construir saberes de forma crítica, criativa e colaborativa. Nesse processo, o circo não apenas ofereceu novas possibilidades de aprendizagem, mas também contribuiu para ressignificar o modo como os alunos se viam em relação ao próprio potencial. Muitos, que no início declaravam não serem capazes de aprender, passaram a expressar surpresa e emoção diante de suas próprias conquistas, afirmando com entusiasmo: “não acredito que consegui!”. Esse movimento de superação fortaleceu a confiança e encorajou-os a exercer sua agência crítica no processo de aprendizado, apontando para uma educação que forma sujeitos conscientes e transformadores. As mudanças percebidas em sala de aula estenderam-se também para a relação dos alunos com seus corpos e com os colegas.



O potencial educativo do circo também se manifesta na consciência corporal desenvolvida ao longo das aulas. Como observa Bortoleto (2016), essa linguagem mobiliza corpo, emoções e relações sociais, além de valores como colaboração, disciplina e respeito mútuo. Nas atividades práticas, o destaque recaiu sobre a vivência coletiva: alunos que inicialmente se mostravam retraídos ou envergonhados encontraram, no apoio do grupo, um espaço para se arriscar e experimentar. A confiança construída em duplas e trios gerou um ambiente de solidariedade em que o “não consigo” deixou de ser uma limitação individual para se tornar um desafio compartilhado. A cada exercício superado, emergia não apenas o fortalecimento técnico, mas também vínculos afetivos e novas formas de cooperação. Esse fortalecimento interno reverberou para além do projeto, alcançando o cotidiano escolar.

Uma evidência marcante do impacto do projeto foi o fato de muitos estudantes optarem por permanecer no espaço mesmo durante o intervalo, utilizando esse tempo para treinar ou ensaiar números por vontade própria, demonstrando engajamento e prazer em aprender. Esse comportamento contrasta com o desinteresse que frequentemente acompanha o ambiente escolar tradicional e revela como o espaço circense se tornou um lugar de pertencimento e motivação. A experiência do Circo em Ação rompeu com a lógica hierárquica da escola tradicional, descrita por Gatto (2019) como produtora de dependência emocional e padronização em detrimento da singularidade. Diferente do confinamento em salas de aula homogêneas, criticado pelo autor, o projeto proporcionou um ambiente dinâmico e acolhedor, no qual os alunos se sentiram livres para explorar o corpo em movimento e expressar-se criativamente. Esse contraste evidencia que o circo, mais do que uma atividade extracurricular, tornou-se um espaço de reinvenção das relações pedagógicas.

Nesse processo, a dimensão coletiva do ensino do circo mostrou-se fundamental. Em atividades como aquecimentos e alongamentos, os alunos perceberam que certas propostas só se realizavam em colaboração – como o exercício de apoiarem a cabeça um no colo do outro, sentados em círculo, sem tocar as mãos no chão. A cada tentativa, compreenderam que o sucesso dependia da colaboração de todos, pois se um caísse, todos caíam. Ainda que difícil, o grupo



perseverou, respeitando o ritmo de cada um. Essa vivência materializa o princípio freireano de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Assim, a prática circense reforçou, de forma vívida e concreta, a pedagogia dialógica defendida por Freire.

Nesse aspecto, Barbosa (2010) reforça que o ensino da arte deve ser compreendido como mediação entre aluno, professor e obra, estimulando reflexão crítica, autonomia e participação ativa. Nas práticas circenses, tais relações se concretizaram em experiências que exigiam confiança e colaboração, revelando como o aprendizado é sempre um processo vivo e compartilhado.

Essa transformação vai ao encontro da defesa de Ana Mae Barbosa (2002), ao afirmar que a arte possibilita ampliar a percepção e a imaginação, compreender a realidade do meio em que se vive, exercitar a criticidade e, assim, estimular a criatividade capaz de transformar a própria realidade analisada. A experiência do projeto de extensão evidenciou esse potencial, pois além da técnica, promoveu criticidade, imaginação e capacidade de transformar a si mesmos e o espaço ao redor.

Portanto, ao observar as aulas, é possível compreender que o circo, enquanto linguagem educativa, vai além da estética e da técnica. Ele se consolida como prática crítica, criativa e inclusiva, que desafia a padronização escolar e amplia as possibilidades formativas. As evidências do Circo em Ação mostram que, mesmo diante de limitações materiais e estruturais, as práticas circenses podem promover protagonismo, confiança, criticidade e transformação social, legitimando-se como ferramenta pedagógica no contexto da educação básica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo investigou como as artes circenses podem ser utilizadas como práticas pedagógicas emancipadoras, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes, com base no projeto de extensão Circo em Ação, ofertado para alunos da educação básica de 10 a 15 anos. A pesquisa cumpriu seus objetivos ao oferecer evidências concretas do potencial formativo e inclusivo do circo, respondendo à



lacuna identificada nas pesquisas que apontam a escassez de sua inserção no espaço escolar.

A investigação do projeto revelou que os alunos desenvolveram autonomia, criticidade, colaboração e consciência corporal, indo além da simples reprodução de técnicas circenses. A prática colaborativa, sustentada pela criação artística individual e coletiva, possibilitou que os estudantes respeitassem seus próprios ritmos e os dos colegas, superando a lógica da comparação e transformando a frustração em motivação. Observou-se, ainda, que os efeitos da experiência extrapolaram as aulas de circo, reverberando em outros contextos sociais e escolares.

A metodologia adotada (PCCol), aliada à observação participante dos proponentes, permitiu compreender como a prática circense integra dimensões cognitivas, motoras, emocionais e sociais. A fundamentação teórica de Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e Bortoleto dialogou diretamente com essas evidências, reforçando que o circo promove participação ativa, criatividade e colaboração crítica, configurando-se como uma pedagogia que valoriza a singularidade de cada aluno.

O estudo contribui para o debate sobre a importância de práticas pedagógicas alternativas que rompem com o paradigma tradicional, criando ambientes de aprendizagem engajadores, colaborativos e inclusivos. Como desdobramento, sugere-se ampliar as pesquisas para outras faixas etárias e contextos sociais distintos, aprofundando a compreensão do alcance formativo das artes circenses.

Por fim, conclui-se que as artes circenses constituem uma poderosa ferramenta educativa, capaz de articular múltiplas dimensões da experiência humana. O Circo em Ação demonstra que a prática circense não apenas enriquece o aprendizado técnico, mas também contribui para a constituição plena do sujeito, oferecendo caminhos para que a educação se afirme como espaço inclusivo, crítico e transformador. Assim, o objetivo inicial de investigar o circo como prática pedagógica emancipadora foi alcançado, na medida em que a experiência analisada comprovou sua capacidade de integrar dimensões cognitivas, corporais e sociais, promovendo uma formação crítica e inclusiva.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho et al. Circo: Horizontes Educativos. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

BOULHOSA, Tatiana; MENDES, Gabriela Klimas de Andrade. Circo no ensino da arte: possibilidades para uma formação integral da criança. In: Ensino-aprendizagem: ferramentas para uma aprendizagem significativa. Capítulo 4, 2024. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/84598>. Acesso em: 1 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 1 set. 2025.

FALCADE, Raissa Cruz; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Mapeando o ensino das atividades circenses no contexto escolar: escolas, professores e práticas pedagógicas. 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1535551>. Acesso em: 1 set. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTO, John Taylor. Emburrecimento programado: o currículo oculto da escolarização obrigatória. Tradução de Leonardo Araujo. 1. ed. Campinas, SP: Kíron, 2019.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemo-metodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; FIDALGO, Sueli. S. (Orgs.) Questões de método e de linguagem na formação docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p.13-40.

RODRIGUES, Gilson Santos. Pedagogia das atividades circenses na Educação Física Escolar: experiências da arte em escolas brasileiras de ensino fundamental. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2018. Disponível em: <https://fef.unicamp.br/pesquisa/gruposdepesquisa/circus/publicacoes/>. Acesso em: 1 set. 2025.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.